

Povo sem pão

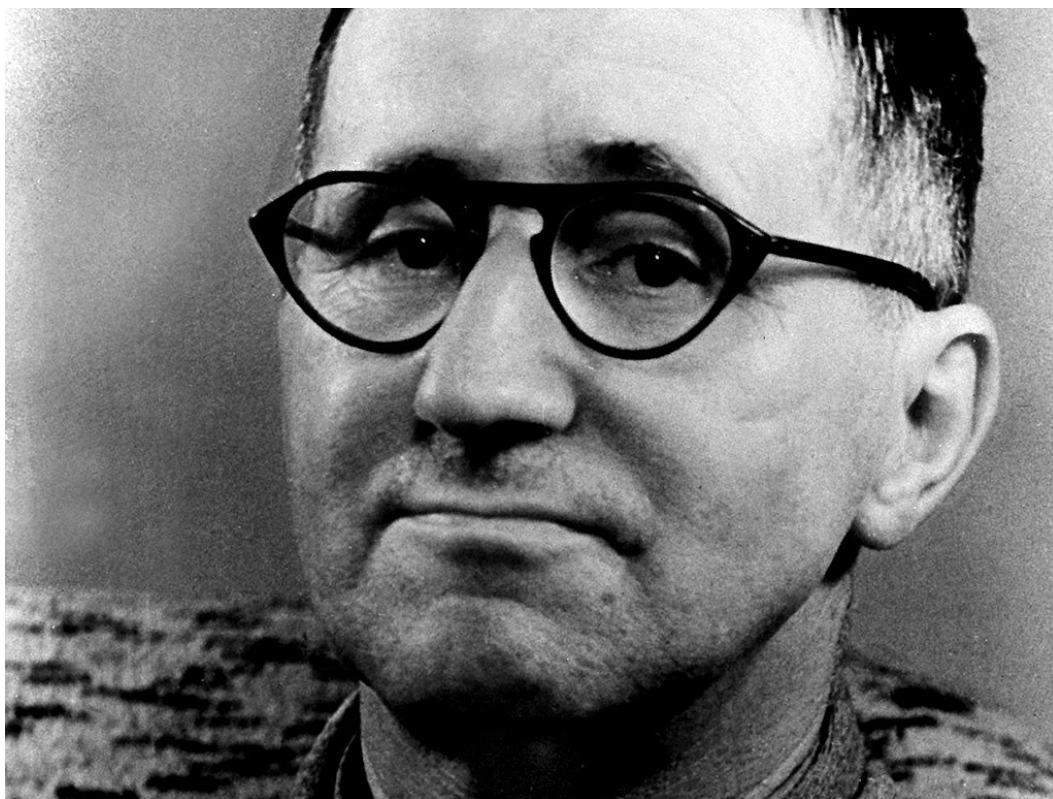
Mário Montanha Teixeira Filho

Não há pão em profusão. Mas há violência, há massacre, há medo.

Não há justiça além daquela que não chega, ou chega tarde, ou é pouca ou é ruim.

No tempo de agora, de pães de cascas cinzentas e sem sabor, de carência do que é necessário, a busca é pelo povo – e do povo – que preparará o seu próprio pão, “bastante, saudável, diário”.

A palavra vem do poeta alemão.



*A justiça é o pão do povo.
Às vezes bastante, às vezes pouca,
Às vezes de gosto bom, às vezes de gosto ruim.
Quando o pão é pouco, há fome.
Quando o pão é ruim, há descontentamento.*

*Fora com a justiça ruim!
A justiça sem sabor, cuja casca é cinzenta!
A justiça de ontem, que chega tarde demais!
Quando o pão é bom e bastante,
O resto da refeição pode ser perdoado.*

*Não pode haver logo tudo em abundância.
Alimentado o pão da justiça,
Pode ser feito o trabalho
De que resulta a abundância.*

*Como é necessário o pão diário,
É necessária a justiça diária.
Sim, mesmo várias vezes ao dia.*

*De manhã, à noite, no trabalho, no prazer,
No trabalho que é prazer.
Nos tempos duros e felizes,
O povo necessita do pão diário
Da justiça, bastante e saudável.*

*Sendo o pão da justiça tão importante,
Quem, amigos, deve prepará-lo?*

Quem prepara o outro pão?

*Assim como o outro pão
O pão da justiça
Deve ser preparado pelo povo.*

Bastante, saudável, diário.

Bertolt Brecht

O pão do povo (tradução de Paulo César de Souza)